

18 a 20
de outubro

9º Fórum
Rondoniense
De Pesquisa

Inovações tecnológicas e os desafios na
Educação, Saúde e Diversidade.



SÃO LUCAS | Afya
JI-PARANÁ · RO

Transtorno do espectro autista, conhecimentos dos enfermeiros no diagnóstico precoce, no interior de Rondônia

Gislana Souza Silva¹; Jessica Poliana Freire¹; Lorryne Mendes da Silva¹; Lucas Silveira Silva¹; Thaynara Bruna Andrade de Jesus¹; Daniela Cristina Gonçalves Aidar²

¹ Acadêmicas do Curso de Enfermagem, Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná – JPR, Ji-Paraná, RO, Brasil. E-mail: gislanass@gmail.com

² Docente do Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná - JPR – Ji-Paraná, RO, Brasil. Email: daniela.aidar@saolucasjiparana.edu.br

1. Introdução

Eugen Bleuler, foi o primeiro estudioso e psiquiatra que abordou o tema sobre autismo e utilizou a palavra em 1908 para nomear os pacientes esquizofrênicos. Esta condição vem sendo observada ao longo do tempo e em 1943 foi descrita por Dr. Leo Kanner, psiquiatra austríaco que realizou relatos de crianças que portavam TEA que na época denominou como um distúrbio inato do contato afetivo, ou seja, não se notava nessas crianças um interesse em manter contato com pessoas ou com o ambiente social. Além disso, identificou apresentarem dificuldades ao lidarem com mudanças ou desvios de rotina (VOLKMAR; WIESNER, 2019).

O TEA é causado por combinações de fatores genéticos e ambientais, no quesito fator genético envolve genes variáveis herdados, gerando modelos diferentes de herança genética. Dessa forma, ocorre mutação no DNA mitocondrial que alteram o fornecimento de energia ao cérebro, determinando o desenvolvimento de problemas psiquiátricos (CARDOSO et al., 2019). O fator genético não atua sozinho e por sua vez é influenciado pelo fator ambiental como a idade avançada dos pais, negligência extrema no cuidado à criança, exposição a certas medicações no pré-natal, consumo de álcool, tabaco, e drogas ilícitas durante a gestação, além de contato com agentes tóxicos como o ácido valproico, chumbo, e mercúrio inorgânico (CARDOSO et al., 2019).

Segundo Andrade et al., (2018) Ressaltam que a detecção precoce é necessária para a colaboração entre famílias e equipes multidisciplinares para iniciar um tratamento precoce que proporcione estimulação cognitiva, afetiva, e comportamental aos indivíduos com autismo. Os pais geralmente descobrem que o desenvolvimento da linguagem está atrasado, e atrasos no diagnóstico são uma das principais causas de estresse familiar, além de serem difíceis de aceitar. Ao detectá-lo cedo, os pais podem se sentir mais à vontade, aceitar e entender por que seu filho está se comportando de maneira atípica.

A importância da atuação do Enfermeiro diante da assistência ao paciente com TEA é fundamental para a detecção precoce, pois assim vai desenvolver um plano de cuidado adequado e que permitirá evolução no desenvolvimento da criança. A atuação vai desde a avaliação inicial, acompanhamento do tratamento, educação e mediador ao apoio à família, auxiliando os pais com seus anseios e dúvidas e trabalhando para troca de conhecimentos família-profissionais com intuito de melhorar o cuidado especial da criança com autismo visando assegurar qualidade de vida (Silva Junior, 2021).

Por fim, o enfermeiro na UBS pode desempenhar um papel fundamental na coordenação e integração do cuidado da pessoa com TEA. Eles podem atuar como facilitadores entre os diferentes profissionais de saúde envolvidos no atendimento do paciente, como médicos, psicólogos, terapeutas e assistentes sociais. Através desta coordenação do cuidado, o enfermeiro ajuda a garantir que as necessidades físicas, emocionais e sociais da pessoa com TEA sejam atendidas de forma abrangente e integrada. (BRASIL, 2022).

Desta forma o objetivo deste estudo foi identificar a atuação dos enfermeiros das Unidades Básicas de Saúde de um município do interior de Rondônia, referente ao Transtorno do Espectro Autista, visando saber sobre o conhecimento dos profissionais das unidades referente ao tema.

2. Materiais e métodos

Tratou - se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com base em entrevistas semiestruturadas diretamente voltada para os enfermeiros das unidades básicas de saúde do município do interior de Rondônia, no período de fevereiro a maio de 2023. Neste sentido a pesquisa buscou avaliar o nível de conhecimento dos enfermeiros das respectivas unidades acerca do autismo, tendo em vista que essa classe profissional está diretamente ligada à estratégia da saúde da família, bem como o acompanhamento através das consultas de puerpério realizadas com frequência, justamente com o intuito de avaliar o desenvolvimento infantil. Fizeram parte deste estudo: 05 (cinco) unidades básicas de saúde do primeiro distrito do município com um total de 11 profissionais enfermeiros, que constituíram a população desta pesquisa. Utilizou-se para a coleta de dados um questionário semiestruturado com questões abertas e fechadas, divididas em duas partes, foi inicialmente traçado o perfil sócio demográfico dos enfermeiros e a segunda parte avaliando o conhecimento dos mesmos sobre o tema abordado. Foram incluídos no estudo todos os enfermeiros atuantes no programa saúde da família que realizam consultas de puericultura e pediatria e excluídos todos os enfermeiros que estavam de férias, licença maternidade ou médica no momento da coleta de dados. A análise dos dados foi realizada em abril de 2023 e se deu por meio da análise de conteúdo de Bardin que permite a classificação dos componentes do significado da mensagem espécie de gavetas. Sendo assim uma análise de significados, ao contrário, ocupa-se de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo extraído das comunicações e sua respectiva interpretação (BARDIN 2011). Este estudo foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa CAAE nº 68156723.6.0000.5297, todos os participantes assinaram o termo de consentimento livre esclarecido.

3. Resultados e Discussões

Nessa pesquisa foram avaliados um total de 10 enfermeiros, sendo de predominância do sexo feminino (09/10), na faixa etária de 27 a 58 anos, com média de tempo de experiência entre 05 e 35 anos e a maioria dos enfermeiros afirmou ter apenas graduação em enfermagem.

Quando questionados sobre o tema saúde mental, em geral, a maioria dos enfermeiros, 60% (6/10), afirmam nunca terem atuado. Quatro enfermeiros referiram já ter atuado na área

de saúde mental. Dentre os enfermeiros entrevistados (09/10) confirmaram ter na unidade básica de saúde, pacientes com diagnóstico de transtorno do espectro autista.

De acordo com os dados supracitados, percebe-se a necessidade do profissional de enfermagem ampliar seu conhecimento científico e técnico para criar estratégias que minimizem os impactos que o autismo traz para os pacientes e seus familiares, bem como a conscientização e orientação da família sobre possíveis alterações no decorrer do processo que a criança terá devido ao transtorno, direcionando para o diagnóstico precoce, recebendo intervenção terapêutica satisfatória e melhora do paciente no dia a dia (CAVALCANTE, et al, 2012).

Os resultados demonstraram que o transtorno do espectro autista é uma realidade próxima e recorrente no serviço de saúde da atenção primária. Embora seja pouca a experiência dos entrevistados, o contato que eles têm com o TEA é alto durante a suas atividades nas unidades básica.

4. Considerações finais

Ao longo deste trabalho, foi possível compreender melhor o conhecimento do profissional Enfermeiro sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e sua complexidade, diante disso ficou evidenciado que os mesmos se mostravam inseguros quando questionados, eram opiniões mais baseadas em senso comum do que em conhecimento científico.

A pesquisa destacou uma necessidade de integração entre os profissionais de saúde que atuam na UBS, visando um trabalho colaborativo e complementar no cuidado aos indivíduos com TEA. Com base nos resultados obtidos, é recomendável que a instituição incentive os enfermeiros para cursos de workshops e eventos relacionados ao TEA, para ampliar sua rede de conhecimento e troca de experiências.

É importante ressaltar que ainda há muito a ser descoberto sobre o TEA e que a pesquisa científica deve continuar a aprofundar o conhecimento sobre esse transtorno, bem como a necessidade de investimentos em pesquisas e recursos, que possam melhorar o conhecimento dos profissionais da saúde para melhores diagnósticos.

Conclui-se, que o transtorno do espectro autista ainda que citada pelos profissionais algumas de suas características, ainda há muito a ser compreendido, por se tratar de algo tão complexo para muitos e de tamanha importância para saúde pública, nesse sentido faz-se necessário também o olhar mais humano na implementação de políticas públicas, afim de oferecer aos profissionais condições de atuarem de forma mais ampla, e com dignidade nos atendimentos aos pacientes e familiares que são usuários da rede pública de saúde.

5. Referências

1. CAVALCANTE, A.S.; ALVES, N.A; ALMEIDA, A.B. A assistência do enfermeiro à pessoa portadora de autismo: uma revisão integrativa (ri) Simpósio de TCC e Seminário de IC.p 1780-1791, 2016\2.
2. Transtorno do Espectro Autista: entenda os sinais. (2022, August 29). Ministério daSaúde.

3. VOLKMAR & WIESNER, 2019. Autismo: Guia essencial para compreensão e tratamento; Porto Alegre: Artmed, 2019. p. 242,245,246.